

## A FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE DO MINHO NO SEU DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CULTURA

1. Na comemoração dos 50 anos de publicação contínua da *Revista Portuguesa de Filosofia*, editada em Braga pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, dando motivo ao Colóquio «Os últimos 50 anos de Filosofia em Portugal», propomo-nos, neste estudo, responder à seguinte pergunta: o que tem sido a Filosofia na Universidade do Minho – com sede em Braga – através do Departamento de Filosofia e Cultura?

A história do Departamento de Filosofia e Cultura não tem ainda a brilhante idade da Revista que motiva a realização de um Colóquio. No entanto, podemos dizer que a acção deste Departamento na difusão da Filosofia e da Cultura tem sido de sucesso, por razões que apresentamos adiante.

A Universidade do Minho iniciou a sua actividade em 1974<sup>1</sup>, e a criação do Departamento de Filosofia e Cultura coincidiu com o arranque da Universidade.

2. Para mais facilmente se entender o papel dos Departamentos, será bom fazer uma pequena referência à estrutura matricial da Universidade do Minho.

Aquando da idealização desta instituição universitária, a Comissão Instaladora pretendia, no acto da sua criação, fugir ao modelo clássico que estruturava as Universidades em Faculdades, a fim de lhe dar uma maior capacidade de resposta aos desafios que lhe tinham sido lançados.

---

<sup>1</sup> Veja-se uma sùmula dos já decorridos vinte anos da Universidade do Minho em Lúcio Craveiro da Silva, «O Meu Testemunho – A Comissão Instaladora e a Universidade do Minho», in *20 Anos de História da Universidade do Minho*, Braga, Universidade do Minho, 1994, pp. 55-62.

Naquele sentido, a Universidade do Minho balizou a sua estruturação tendo em conta as seguintes orientações fundamentais:

«— As actividades de investigação e educação, sendo igualmente importantes, devem articular-se de modo a que não se prejudiquem mutuamente;

— A constituição, tanto das equipas de docência como de investigação, previsivelmente de carácter fortemente interdisciplinar, por especialistas de diferentes domínios científicos deve ser facilitada por vezes em alto grau, pois muitos desses domínios constituem um denominador comum das respectivas actividades;

— A estrutura deve ser flexível para que as modalidades resultantes da evolução dos conhecimentos e da sociedade, conduzindo a reformulação e/ou extinção de actividades existentes ou criação de novas actividades, se possam processar com suficiente agilidade»<sup>2</sup>. Portanto, em toda a orientação matricial procurou-se uma flexibilidade na estrutura, na mira de uma melhor racionalização e optimização dos recursos humanos e materiais. A inspiração de tal modelo teria advindo fundamentalmente do mundo industrial e mais concretamente do sector aeroespacial norte-americano, que teria atraído a Comissão Instaladora da Universidade do Minho: «(...) tendo-se tornado particularmente atraente a adopção de uma estrutura matricial, já ensaiada e experimentada em organizações ou programas industriais e de investigação, de que o exemplo mais notável era então o desenvolvimento do sector aeroespacial norte-americano, modelo organizacional que abarcava, ao mesmo tempo, uma hierarquia normal e entidades de “resolução de problemas”»<sup>3</sup>. Daqui se partiu para a sua adaptação à instituição universitária, aspecto inédito pelo menos em Portugal.

Portanto, na Universidade do Minho, os Cursos, embora tenham uma ligação mais directa a um Departamento, não se esgotam aí, indo buscar os recursos humanos a um qualquer Departamento. Isto é, um Departamento, tenha ou não um Curso próprio, é sempre uma fonte de recursos humanos para qualquer Curso.

Do que fica referido, poder-se-á fazer uma especificação da estrutura da Universidade do Minho com as seguintes características gerais: «Actividades de ensino e de investigação realizadas por unidades distintas [unidade, aqui, tanto pode ter o sentido de Escola como de Departamento]; Instalações, equipamentos e apoio logístico, utilizados em comum por diversas unidades (...); A mesma pessoa pertencer a mais de uma unidade; Qualquer unidade poder incluir pessoas que trabalhassem fora da Universidade; As unidades poderem sofrer todos os tipos de evolução, incluindo a extinção»<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> J. Barbosa Romero, «A Estrutura Orgânica da Universidade do Minho», in *Ibidem*, pp. 66-67.

<sup>3</sup> J. Barbosa Romero, *Art. cit.*, p. 67.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 68.

3. O Departamento de Filosofia e Cultura está precisamente entre aqueles que não têm Curso próprio. Apenas em Outubro de 1995, iniciará um Mestrado em Filosofia em Portugal e Cultura Portuguesa. O que equivale a dizer que a Filosofia trilha outros caminhos, não existindo voltada apenas sobre si mesma, como seria o caso se existisse uma Licenciatura em Filosofia. O seu caminho vai no sentido de oferecer a todos os Cursos de Licenciatura e Mestrado de qualquer área, disciplinas filosóficas, cujos conteúdos programáticos são adaptados ao tipo de cursos que as solicitam.

Portanto, este Departamento, ao longo desta vintena de anos, — aplicando uma linguagem de tipo económico —, tem estado sujeito à «lei da oferta e da procura» do seu *produto*. E como esse *produto* tem tido qualidade, tem-se notado uma boa procura, pois ao longo destes vinte anos vemos o Departamento passar de um docente para dez. O que, fazendo uma média arrendodada, dá a contratação de um docente ano sim ano não.

Atendendo às circunstâncias acima referidas, como é que o Departamento tem feito o *marketing* da Filosofia? Tem sido fundamentalmente em quatro dimensões: pelas *aulas*, pelas *publicações*, pela *organização de colóquios*, nos *órgãos de governo* da Universidade.

3.1. Sendo a leccionação uma das funções fundamentais do professor universitário, o corpo docente do Departamento tem consciência — e assim procura pautar a sua acção —, que as aulas devem aliar a competência científica com a sensibilidade pedagógica<sup>5</sup>. Ideia esta que é verbalizada a nível das reuniões departamentais.

Ao nível dos conteúdos programáticos tem-se tido em conta não só a especialização dos docentes, mas também os objectivos de cada curso, de tal modo que uma cadeira com o mesmo nome pode ter um programa diferente, conforme o curso onde é leccionada.

No seu início, o Departamento de Filosofia e Cultura iniciou-se apenas com um elemento, mas de peso, o Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, que leccionou as cadeiras de Cultura Portuguesa (actualmente com a designação de Mentalidades e Cultura Portuguesa), História das Ideias Políticas e Sociais e também disciplinas de opção cultural nos cursos de Engenharia<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Os resultados têm sido muito animadores, pois a avaliação — praticada há já alguns anos na Universidade do Minho — que os alunos fazem anualmente à cadeira e ao docente, com carácter anónimo, através de respostas a um questionário formal, tem sido muito positiva em relação ao Departamento.

<sup>6</sup> Esta prática, da frequência de cadeiras de índole cultural pelos alunos dos cursos das Engenharias, julgo ser ímpar ou pouco frequente nas nossas Universidades.

Entretanto, com o decorrer do tempo, o Departamento foi aumentando à medida que ia sendo solicitado a leccionar essas mesmas disciplinas noutros cursos ou outras dentro da especificidade do Departamento. Assim, no presente, o Departamento tem a seu cargo disciplinas em quatro grandes domínios: Filosofia em Portugal e Cultura Portuguesa; História e Filosofia Política e Social; Epistemologia; Antropologia Filosófica.

Mais concretamente, a nível das *Licenciaturas* as disciplinas são as seguintes: Mentalidades e Cultura Portuguesa; História das Ideias Políticas e Sociais; Filosofia Social e Política; Epistemologia das Ciências Sociais e Humanas; História e Filosofia das Ciências; Antropologia Filosófica; Opções Culturais nas Engenharias (que variam de tema, e de ano para ano, conforme os docentes que as regem).

Ao nível dos *Mestrados* têm sido regidos os seguintes cursos: Cultura e Mentalidades no Portugal Contemporâneo; Pensamento Educacional Português; História das Instituições Culturais e das Mentalidades; Filosofia Política na Época Moderna; Ideias Políticas e Sociais Contemporâneas; Paradigmas Políticos Contemporâneos; Antropologia Filosófica. Novas cadeiras serão oferecidas no novo Mestrado de Filosofia em Portugal e Cultura Portuguesa, a iniciar no ano lectivo de 1995/1996.

3.2. Se outra das dimensões importantes do universitário é, como é, a investigação e as respectivas publicações, o Departamento tem feito jus a essa componente, que se tem concretizado na publicação de vários livros e de largas dezenas de artigos, espalhados por várias revistas, jornais e enciclopédias, com especial realce para a revista *Diacrítica* (editada pelo Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho) e *Revista Portuguesa de Filosofia*, para os diários *Jornal de Notícias* e *Diário do Minho*, e enciclopédias *Pólis* e *Logos* (*Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*)<sup>7</sup>.

É também de salientar o empenhamento de alguns elementos do Departamento num projecto da JNICT, intitulado *Da ideia de Europa à europeização de Portugal*, assim como o Prof. Doutor Norberto Cunha tem a seu cargo a preparação das obras completas de Edmundo Curvelo, por incumbência da Fundação C. Gulbenkian, a fim de serem editadas por esta mesma instituição.

As matérias investigadas pelos vários elementos do Departamento de Filosofia e Cultura têm sido vastas e, por isso, seria moroso enunciá-las na sua totalidade. Referiremos aqui apenas alguns dos temas que levaram à obtenção de graus académicos e/ou foram objecto de publicação. Por parte do Prof. Doutor Lúcio

<sup>7</sup> Só nesta última enciclopédia os elementos do Departamento colaboraram com cerca de uma trintena e meia de entradas.

*Craveiro da Silva*, desde a sua ligação à Universidade do Minho, os principais autores ou temas investigados foram os seguintes: Antero de Quental, Francisco Sanches, Silvestre de Moraes, Leonardo Coimbra, Conceção e direitos dos povos descobertos segundo a doutrina peninsular, Teixeira de Pascoaes, Paulo Orósio, Hugo Grócio, Pedro Hispano<sup>8</sup>. Por parte do Prof. Doutor Acílio Rocha: Estruturalismo, Lévi-Strauss, Althusser, Dialéctica marxista, Círculo de Viena, Michel Foucault, Karl Rahner, Proudhon e Antero de Quental, Jacques Derrida, Herbert Spencer, etc. Investigações e publicações do Prof. Doutor Norberto Cunha: Abel Salazar, Oliveira Martins, Antero de Quental, Padre Manuel Santana, Leonardo Coimbra e António Sérgio, Ribeiro Sanches, Cunha Brochado, Edmundo Curvelo, Empirismo em Portugal, Neopositivismo em Portugal, etc. Doutor Manuel Gama: Movimento 57, Sampaio Bruno, Basílio Teles, Leonardo Coimbra, Teixeira de Pascoaes. Mestre João Rosas: Karl Popper, J. Rawls, Tomás Moro. Mestre Fernando Machado: Recepção do pensamento de Rousseau em Portugal, com especial incidência em Almeida Garrett; tem ainda várias publicações de temática educacional, quer em livros quer em periódicos. Mestre José Marques Fernandes: Alves dos Santos, Faria de Vasconcelos, Aurélio da Costa Ferreira, Discurso hermenêutico da pós-modernidade. Mestre José Manuel Curado: Epistemologia das representações *post mortem* (com incidência em Platão), Ciências cognitivas, Lógica, K. Boulding, A. Huxley. Mestre Vítor Moura: L. Wittgenstein. Dr. Eugénio Peixoto: Recepção do marxismo em Portugal.

3.3. Outro dos domínios onde o Departamento de Filosofia e Cultura tem zelado pela Filosofia tem sido quer no ombrear com a organização de colóquios, quer na colaboração directa com outros Departamentos e Unidades Culturais da Universidade do Minho na preparação e realização desses eventos. De iniciativa do Departamento, os colóquios de maior alcance levados a cabo foram os seguintes: *Direitos Humanos – Teoria e Práxis* (1987), *Teoria e Semântica dos Valores Políticos* (1988), *Sobre Antero de Quental* (1991), *Verney e a Cultura do seu Tempo* (1992), *1.º Centenário da Morte de Oliveira Martins* (1994), *Voltaire redivivus* (1994). Entretanto, neste campo, estão já projectadas algumas outras realizações a levar a cabo pelo Departamento, nomeadamente sobre H. Taine e A. Comte.

3.4. – Participação em órgãos de governo da Universidade. De uma maneira geral, pensamos que no espírito do universitário não está a procura de cargos e,

<sup>8</sup> Para uma visão completa das publicações do Prof. Lúcio Craveiro da Silva veja-se a miscelânea de estudos que lhe foi dedicada por altura da homenagem que a Universidade do Minho lhe prestou, comemorando o seu 80.º aniversário, intitulada *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Braga, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 1994, pp. 413-429.

atendendo mesmo ao mero interesse particular de cada um, seriam até rejeitados, dado que em termos meramente práticos eles representam um dispêndio de energias que poderiam ser canalizadas tanto para a docência como para a investigação. Apesar de tudo, os elementos do Departamento têm sido eleitos para o desempenho de diversas tarefas que, directamente, não sendo para benefício dos próprios, no fundo, quem fica a ganhar é a Filosofia e a própria Universidade.

Naquele sentido, desde o distinto cargo de Reitor, tão exemplarmente exercido pelo Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva<sup>9</sup>, até ao de Presidente de Instituto/Escola, que tão eficazmente tem vindo a ser exercido pelo Prof. Doutor Acílio Rocha (que já anteriormente havia desempenhado o cargo de Vice-Presidente durante dois mandatos) até Presidente do Conselho de Cursos e Director de Curso cumpridos quer pelo Prof. Doutor Norberto Cunha, quer pelo autor destas linhas, quer ainda pelo Prof. Doutor Acílio Rocha. Ainda outros cargos dentro da Universidade têm sido exercidos por mais alguns elementos do Departamento. Nuns e noutros, tudo têm sido formas de a Filosofia estar presente numa Universidade organizada segundo uma estrutura peculiar.

Enfim, podemos dizer que a Filosofia pela actividade do Departamento de Filosofia e Cultura, não se fica por um campo restrito. Desde a sua disseminação pela via da Cultura e da História das Ideias até ao desempenho de variadas tarefas por pessoas da Filosofia, tudo tem revertido a favor da mesma causa: o Homem, focado naquela perspectiva que os trabalhadores da Filosofia sabem ter.

Em conclusão, enquanto que, eventualmente, outros ramos do saber têm um nome a criar dentro da Universidade do Minho, a Filosofia já tem, felizmente, um nome a defender. E, atendendo a que não tem um curso próprio, o Departamento de Filosofia e Cultura, na sua actividade, é bem o reflexo da máxima que diz que «a necessidade aguça o engenho».

*MANUEL GAMA*

Universidade do Minho

---

<sup>9</sup> Tratou-se do primeiro Reitor eleito em Universidades portuguesas. A acrescer a isso, assinala-se que tal eleição foi através de sufrágio universal dentro da Universidade, sistema posteriormente abandonado, pois os Reitores, actualmente, são eleitos pela Assembleia da Universidade.